DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.618

Psicanálise à distância: um enquadre flexível?

Remote psychoanalysis: a flexible setting?

Amanda Watson Martins[*]
Nelson Ernesto Coelho Junior[**]

Resumo

A psicanálise à distância desafia a estabilidade do enquadre tradicional. Este artigo investiga como os dispositivos remotos tendem à flexibilização, dado o "des-enquadramento" do espaço e as novas lógicas de viabilidade da prática clínica. A partir das definições de enquadre de Bleger (1967), Green (2002) e Laplanche (1993), discute-se os impactos da flexibilidade do dispositivo clínico frente à importância técnica de sua invariabilidade. Conclui-se que, diante desse cenário, o contrato analítico e o enquadre interno do analista tornam-se peças-chave para sustentar o processo analítico em um dispositivo flexível.

Palavras-chave: Psicanálise à distância. Psicanálise *online*. Enquadre analítico. Contrato.

Abstract

Remote psychoanalysis challenges the stability of the traditional setting*. This article investigates how the flexibility of the remote clinical framework becomes inevitable, given the "un-framing" of space and the new conditions of clinical practice feasibility. Based on the conceptualizations of the setting by Bleger (1967), Green (2002), and Laplanche (1993), the study explores the impacts of flexibilization of the clinical device in contrast to the technical importance of its invariability. It concludes that, in this scenario, the analytic contract and the analyst's internal* setting *become key resources for sustaining the analytic process within a flexible clinical framework.*

Keywords: *Remote psychoanalysis.* Online *psychoanalysis. Frame.* Setting*. Contract.*

[*] Psicóloga. Mestre em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Psicanalista em formação pelo Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, SP, Brasil. amandawatsonm@gmail.com

[**] Psicanalista e professor aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Coordenador do Grupo de Pesquisa "Psicanálise Experimental". São Paulo, SP, Brasil. ncoelho@usp.br

A psicanálise à distância é uma modalidade de trabalho recente, que se tornou possível devido às transformações tecnológicas, sociais e econômicas das últimas décadas (FIGUEIREDO, 2020; LIRA; LEITE, 2021). A globalização e a aceleração do ritmo de vida nos centros urbanos pressionam por uma maior flexibilidade de tempo e de espaço no mundo do trabalho, que se reflete na prática clínica pelo surgimento de um novo dispositivo clínico: o enquadre analítico remoto.

Até recentemente, os atendimentos em modalidade remota eram reservados para situações de exceção (SCHARFF, 2012; LIRA; LEITE, 2021). Com a pandemia de COVID-19 em 2020, o isolamento social forçou a adoção do trabalho remoto em larga escala e, atualmente, essa modalidade tornou-se corrente na prática clínica (FIGUEIREDO, 2020; LIRA; LEITE, 2021). Apesar de o isolamento social ter acelerado esse processo, a popularização da modalidade remota era inevitável, pois "a tecnologia está guiando as suas escolhas [da população] e o seu estilo de vida está guiando a sua necessidade de tecnologia, incluindo a necessidade de psicanálise assistida por tecnologia" (SCHARFF, 2012, p. 4, tradução nossa).

Neste contexto de transformação da prática clínica, o presente artigo tem como objetivo discutir a hipótese de que o enquadre remoto tende à flexibilidade, ou seja, à adaptação contínua do enquadre. Há dois argumentos principais que sustentam essa hipótese: o desenquadramento do espaço na análise à distância (não há espaço fixo) e a lógica da viabilidade, que estrutura o campo analítico, de forma implícita, a partir da escolha do enquadre *online*.

Em conjunto, estes dois fatores tendem a produzir um dispositivo clínico em contínuo processo de construção: faltas e remarcações de horário, mudança de sessões presenciais para sessões *online*, variações nos ambientes usados durante a sessão e alternância de sessões com e sem câmera são exemplos de adaptações do dispositivo presentes na psicanálise à distância, em nome da viabilidade da análise e da sessão[1].

A ideia de um "enquadre flexível" surpreende: dado que o enquadre é definido como o conjunto de elementos invariáveis da situação analítica (BLEGER, 1967), não seria contraditório falar num dispositivo flexível? Como veremos, a constância do dispositivo clínico tem um valor técnico na teoria

1. A demanda por flexibilidade é um reflexo da cultura moderna, que não se restringe à psicanálise à distância. Ainda assim, sustentamos a hipótese de que demandas de flexibilização do enquadre por motivos de ordem prática podem ser mais frequentes e mais facilmente aceitas nas análises à distância porque a escolha desse dispositivo já contém uma adaptação do dispositivo em nome da viabilidade prática do tratamento.

psicanalítica do enquadre (BLEGER, 1967/2002; GREEN, 2002/2008; LAPLANCHE, 1987/1993; ROUSSILLON, 1995, 2019), o que exige um cuidado de reflexão sobre a flexibilidade requerida pela clínica atual.

Para isto, nosso percurso se inicia com uma breve revisão do conceito de enquadre, visando situar o valor técnico de sua constância[2]. Em seguida, apresentamos o desenquadramento do espaço e a lógica da viabilidade como características estruturais da psicanálise à distância, discutindo-se os desafios trazidos por esse novo dispositivo e seus possíveis manejos. Ao longo da discussão, o contrato de trabalho e o enquadre interno do analista emergem como recursos que favorecem a sustentação do trabalho analítico nos enquadres flexíveis.

O valor funcional da constância do enquadre

Em 1967, Bleger inaugura o conceito de enquadre ao propor que a situação analítica pode ser dividida em dois tipos de componentes: os elementos livres, que variam a cada sessão, como o discurso do analisando e a interpretação do analista, e os elementos fixos e constantes, como a disposição do espaço na sala de análise, a frequência e a duração das sessões e a regra fundamental. Os elementos fixos constituem uma moldura (ou seja, um enquadre) que possibilita a observação dos elementos variáveis: ao encontrar o analisando em um contexto fixo, o analista pode identificar as repetições e variações no comportamento do analisando como efeitos da dinâmica transferencial, já que nenhuma outra variável está intervindo na sessão. Neste sentido, a necessidade de fixar um enquadre na análise é comparável ao controle de variáveis em um experimento científico: o contexto do encontro é controlado para possibilitar uma observação mais precisa da interação.

Aprofundando a definição do enquadre como a "moldura" invariável do encontro analítico, Green propõe que o enquadre é "o conjunto das condições de possibilidade necessárias para o exercício da psicanálise" (2002/2008, p. 53). Essa definição explicita que o trabalho analítico não ocorre em qualquer contexto, e depende de algumas condições oferecidas pelo dispositivo analítico.

O enquadre analítico "clássico" é constituído por sessões regulares, com horário e duração fixos, que ocorrem no consultório do analista, no divã, e seguem

2. Para uma análise aprofundada das funções do enquadre analítico, consultar A*s funções do enquadre*, em MARTINS, A e COELHO JUNIOR, N. E. (2025). *Investigação histórico-conceitual sobre o enquadre e seu papel na situação analítica.*

a regra fundamental da livre associação, constituindo um dispositivo clínico favorável ao trabalho psicanalítico (GREEN, 2002/2008; ROUSSILLON, 1995). Segundo André Green (2002/2008) e René Roussillon (1995), essa organização do enquadre favorece o método analítico (a livre associação, a atenção flutuante, a interpretação da transferência), ao organizar um ambiente regular, confiável e pouco estimulante, o que favorece a regressão a um modo de funcionamento onírico durante a sessão. Essa definição do enquadre atribui-lhe um papel fundamental na prática analítica, na medida em que o processo analítico só pode acontecer nas condições oferecidas pelo dispositivo analítico.

Até aqui, a constância do enquadre mostrou-se fundamental para o processo analítico por duas razões. Em primeiro lugar, a fixação de variáveis é uma condição de observação da transferência, permitindo que, no contexto do enquadre, o modo de o analisando agir e falar seja remetido a sua própria subjetividade, e não a fatores externos (BLEGER, 1967/2002). Em segundo lugar, a manutenção do enquadre significa a manutenção de boas condições para o trabalho analítico, pois o dispositivo analítico favorece a regressão em análise (GREEN, 2002/2008)

Há ainda uma terceira razão que demanda a constância do enquadre: o enquadre não é apenas a moldura na qual se analisa a transferência, mas é também objeto de transferência (BLEGER, 1967; LAPLANCHE, 1987/1993; ROUSSILLON, 1995, 2019).

Bleger (1967) observou que analista e analisando atribuem sentidos distintos ao enquadre, apesar de compartilharem um mesmo contrato. No sentido manifesto, o enquadre é um acordo que garante boas condições de trabalho para ambas as partes. No sentido latente, entretanto, há um "enquadre fantasma" que o analisando sobrepõe ao enquadre compartilhado, depositando sobre os elementos fixos da situação analítica aspectos primitivos e simbióticos da sua transferência, relacionados a sua relação com o ambiente, sua capacidade de continência e seus limites. Assim, cada analisando se relaciona com o enquadre uma maneira singular, fantasiada, que pode ser revelada por pedidos de mudanças ou exceções, pela sua frustração quando algo muda ou sai do lugar.

É precisamente nestes momentos que a constância do enquadre é indispensável para a análise: é pelo contraste entre o enquadre fantasiado e o enquadre contratado que a transferência se revela. Entretanto, Bleger (1967) observa que a manutenção do enquadre contratado pode ir de encontro ao enquadre fantasiado, de modo que certos aspectos da transferência ficam imobilizados, inacessíveis. Consequentemente, a constância do enquadre se torna um paradoxo: de

um lado, ela é condição de possibilidade da transferência, de outro, ela pode manter ocultos aspectos mais primários e simbióticos da transferência.

Laplanche (1987/1993) formula esse paradoxo em termos do duplo valor do enquadre, autoconservativo e libidinal. De um lado, a organização do dispositivo clínico responde a necessidades práticas da vida do analista e do analisando, como a organização das agendas, a definição de um valor justo para um serviço e a garantia de boas condições para a análise. Esse aspecto requer flexibilidade e capacidade de negociação, pois diferentes analisandos possuem diferentes recursos de tempo, dinheiro, etc. De outro lado, o investimento autoconservativo é sempre acompanhado de um valor libidinal, devido ao valor sexual do tempo e do dinheiro, que podem ser utilizados para expressar valor, interesse, amor ou ódio. Esse aspecto impede que o analista responda concretamente a demandas do analisando, pois a negociação prática do dispositivo pode representar a atuação de uma dinâmica transferencial subjacente. Consequentemente, Laplanche propõe que o enquadre pode ser negociado nas entrevistas iniciais mas, uma vez contratado, deve ser mantido como condição do trabalho analítico.

O duplo valor do enquadre faz com que a sua manutenção do enquadre seja uma condição de proteção da análise, tanto no sentido autoconservativo quanto no sentido libidinal:

> [o enquadre é] protetor do analista, seguramente, que vê garantida a possibilidade de subsistir como ser humano numa sociedade dada. Protetor também, e insisto nesse ponto, do analisando, que encontra aí a única condição de sua liberdade de falar e de fantasiar (LAPLANCHE, 1987/1993, p. 158).

Como exemplo, Laplanche discute a política de cobrar faltas à sessão, não importa qual a razão. Se o analista responde de forma diferente a discursos no registro da autoconservação (dificuldades práticas, imprevistos) e da sexualidade (resistências, preguiça), a possibilidade de fazer emergir significados transferenciais fica reduzida.

Para este autor, o paradoxo descoberto por Bleger não pode ser eliminado, pois a neutralidade do analista impede que ele introduza modificações no enquadre, mesmo que seja para mobilizar os aspectos da transferência depositados sobre o dispositivo. Entretanto, as rupturas trazidas por outros fatores (imprevistos, acidentes, pedidos do analisando) podem ser utilizados como oportunidades para explorar o valor libidinal do enquadre, administrando assim as limitações da fixação do dispositivo clínico.

A tarefa de preservar o enquadre e analisar o sentido transferencial de suas rupturas é denominada "função de guardião do enquadre" do analista (LAPLANCHE, 1987/1993). A função de guardião do enquadre exige uma combinação de flexibilidade e rigor. Flexibilidade, para permitir a viabilidade prática da análise, e rigor, para sustentar a neutralidade do analista e os limites do enquadre, condição de interpretação da transferência.

É neste sentido que a demanda pelos atendimentos remotos pode ser negociada *e* trabalhada. Mesmo que a demanda pelos atendimentos remotos seja motivada por questões autoconservativas, o valor libidinal dessa escolha participará da construção do enquadre fantasma do analisando, e influenciará a maneira como ele se relaciona com o enquadre durante a análise. Como o enquadre não pode ser ativamente modificado pelo analista para revelar essa transferência, trata-se de aproveitar as rupturas e negociações que emergem espontaneamente, respondendo a elas no registro analítico, e não apenas prático. Cada tentativa de modificação do enquadre torna-se uma oportunidade interpretativa, seja essa demanda apresentada no registro autoconservativo ou no sexual.

Essa dinâmica é especialmente presente nos atendimentos remotos, em que demandas de ordem prática se apresentam continuamente ao longo da análise, e não apenas na negociação inicial. A flexibilidade do enquadre parece ser uma condição necessária para viabilizar a análise diante das necessidades de autoconservação instáveis do mundo digital: fazer uma sessão sem câmera devido a dificuldades tecnológicas, aceitar uma sessão *online* ocasional, viabilizar mudanças frequentes de horário… (CARDOSO *et al.*, 2022). Estas situações colocam desafios para a escuta, pois a teoria analítica avisa que variações irrefletidas do enquadre podem comprometer a possibilidade de interpretar a transferência.

Sintetizando, a constância do enquadre tem um valor funcional na situação analítica, servindo para 1) garantir a manutenção de boas condições para o trabalho analítico; 2) fixar os elementos da situação analítica, de forma a possibilitar a observação da dinâmica transferencial; e 3) sustentar a escuta do duplo valor do enquadre, ao mesmo tempo prático e libidinal. Entretanto, a prática clínica à distância parece marcada por uma tendência à flexibilização do dispositivo, devido ao desenquadramento parcial do espaço e à lógica da viabilidade, o que coloca desafios para o trabalho analítico.

O desenquadramento do espaço

Em sua definição original, o enquadre é constituído por três dimensões: tempo, espaço e contrato (BARANGER & BARANGER, 1961/2010). O analista é responsável por organizar o dispositivo, que será apresentado ao analisando, negociado e, por fim, aceito pelas duas partes (ROUSSILLON, 1995). Como vimos, o objetivo dessa negociação é "construir um combinado que venha a suprimir discussões no futuro" (CARDOSO *et al.*, 2022, p. 3), possibilitando a manutenção da constância do enquadre.

Na psicanálise à distância, esse processo tem uma especificidade: como analista e analisando não se encontram em um ambiente fisicamente compartilhado, a exigência de fixação do espaço é suspensa, e ambos se tornam livres para comparecer à sessão de diferentes lugares (SCHARFF, 2012). Ainda, o analista não é mais capaz de organizar o espaço da análise, que passa para o controle do analisando (GONDAR, 2020; SANCHEZ, 2021; SOUZA; SILVA; MONTEIRO, 2020). Essa especificidade dos dispositivos clínicos remotos exige um remanejamento do estatuto do espaço: a dimensão espacial deixa de ser um elemento do enquadre (ou seja, dos componentes fixos) e se torna parte do processo analítico (ou seja, dos elementos variáveis).

Essa mudança de estatuto é correlata a uma mudança na escuta do analista: as variações do espaço pelo analisando deixam de ser escutadas no registro da transgressão do enquadre, que precisaria ser interpretada para restaurar as condições de análise, e passam a ser observadas como mais um elemento do processo analítico. O modo como o analisando faz uso de sua liberdade com o espaço pode ser uma fonte rica de informações, revelando aspectos de sua relação com seu ambiente, com seu território e, potencialmente, comunicando dinâmicas inconscientes que se simbolizam no modo como o analisando organiza e ocupa seu ambiente durante a sessão (SCHARFF, 2012).

Considerando-se a constância do enquadre como condição de observação e de interpretação da transferência, o desenquadramento do espaço representa um alargamento do campo analítico, pois há mais elementos variáveis disponíveis para a dinâmica transferencial. Consequentemente, o analista precisa manter-se atento ao uso do espaço, sabendo que este material está à disposição do analisando, e não "imobilizado" como no consultório presencial. Até aqui, o desenquadramento do espaço representa uma redução do escopo do enquadre, mas não necessariamente uma flexibilização, pois o tempo e o contrato mantêm-se invariáveis. Como qualquer outro elemento do processo, as dinâ-

micas transferenciais em jogo no uso do espaço podem ser interpretadas, desde que se mantenham dentro do enquadre acordado pela dupla analítica.

Todavia, a plena utilização da liberdade de variação do espaço pode levar a situações que comprometem a qualidade da sessão, entrando em conflito com a função do enquadre de oferecer boas condições de trabalho. Ambientes barulhentos ou mal iluminados, espaços públicos que ameaçam a privacidade da sessão, locais com má conexão de internet são exemplos de ambientes que prejudicam a capacidade de comunicação do analista e do analisando e, assim, não oferecem boas condições para a análise (LISONDO, 2015; LIRA; LEITE, 2021).

Na sala de análise presencial, a organização do espaço tem uma função. O espaço não é fixado apenas para simplificar a observação da transferência, mas também para garantir que essa interação se dê em um ambiente favorável ao método analítico (GREEN, 2002/2008). Portanto, a escolha do ambiente de análise não pode ser deixada inteiramente livre, e faz-se necessário reenquadrar o espaço através de combinados que fixem condições mínimas para a realização de sessões à distância.

Como o analista não pode prover um ambiente adequado para o analisando, o reenquadramento do espaço tem de ser feito pela via do contrato: assim como o pagamento e a regra fundamental, a organização de um ambiente adequado para a sessão é uma das condições da análise comunicada pelo analista ao analisando (FIGUEIREDO, 2020; SANCHEZ, 2021; SOUZA; SILVA; MONTEIRO, 2020). O dispositivo analítico remoto se caracteriza pela corresponsabilidade do analisando na manutenção do dispositivo clínico, uma vez que a cooperação do paciente na construção do espaço de análise se torna uma condição de possibilidade da situação analítica.

O desenquadramento do espaço promove uma redistribuição de funções na análise. Da parte do analista, a responsabilidade de ofertar uma sala de análise adequada se transforma no dever de orientar o analisando na construção de seu próprio espaço, através de uma discussão aberta e explícita sobre as responsabilidades que precisarão ser assumidas pelo paciente (SOUZA; SILVA; MONTEIRO, 2020). Da parte do analisando, o trabalho de deslocamento até o consultório se transforma no trabalho de organizar um ambiente seguro, confortável e privado. Um dos custos da psicanálise à distância, para o analisando, é a tarefa de prover para si mesmo condições favoráveis à análise, ao invés de encontrar um ambiente suficientemente bom garantido pelo analista.

Consequentemente, é preciso refinar nossa afirmação inicial e propor que a dimensão espacial na psicanálise à distância é *parcialmente desenquadrada*.

Alguns elementos do espaço são deixados livres, podendo ser utilizados como material de comunicação na dinâmica transferencial-contratransferencial, e outros elementos são fixados pelo contrato, de modo a garantir condições adequadas para o método analítico.

Entretanto, a necessidade de diferenciar tecnicamente os componentes fixos e livres do espaço favorece a tendência à flexibilização do enquadre. Quando o contrato não é estabelecido de forma suficientemente clara, as fronteiras do enquadre podem tornar-se ambíguas, fazendo com que transgressões do enquadre confundam-se com usos livres do espaço, e vice-versa. Essa confusão dificulta que o analista desempenhe a função de guardião do enquadre, e atuações da transferência sobre o enquadre podem passar despercebidas, sem endereçamento, como se fossem variações de elementos livres.

A função de guardião do enquadre do analista exige que ele sinalize e enderece as transgressões do enquadre, restaurando as condições da análise e a possibilidade de interpretação da transferência (LAPLANCHE, 1987/1993). Segundo Cardoso *et al*, (2022), "o analista é o guardião do enquadre, seja este presencial ou *online*" (p. 6-7), o que significa que o analista é sempre responsável pela constância do enquadre, mesmo quando o analisando é corresponsável pelo espaço.

Um exemplo de uma variação livre do espaço é um analisando comparecer à sessão de diferentes ambientes de sua casa, ou mesmo de diferentes lugares no mundo. Dado que o dispositivo clínico remoto não pressupõe uma localização fixa para as sessões, essas variações não dizem respeito ao enquadre analítico. Por outro lado, a tentativa de participar da sessão da própria casa sem os cuidados necessários para garantir a privacidade da sessão pode ser considerada uma transgressão do contrato analítico. Em ambos os casos, a subjetividade do analisando está implicada no uso do espaço, e o seu significado simbólico pode vir a ser investigado, desde que as condições do trabalho analítico sejam mantidas. A diferença na resposta do analista a variações livres ou transgressivas se deve ao valor técnico da manutenção do enquadre, e à função de guardião do enquadre (CARDOSO *et al.*, 2022; FIGUEIREDO, 2020).

Neste sentido, a clareza do contrato analítico é uma condição especialmente importante na psicanálise à distância, em que as variações do espaço livres podem ser confundidas com transgressões do enquadre, e vice-versa. A autoridade do analista como guardião do enquadre se sustenta na referência a um contrato comum, pois um julgamento caso a caso fica sujeito a arbitrariedades, devido ao valor libidinal do tempo e dinheiro para o próprio analista (LAPLANCHE, 1987/1993).

Mesmo com o contrato bem estabelecido, contudo, as transgressões do enquadre parecem ser uma característica comum nos atendimentos remotos. A literatura sobre a psicanálise remota é repleta de exemplos de usos transgressivos do espaço: há analisandos que entram na sessão em ambientes públicos, como trabalho, transporte público, bares e restaurantes etc. (FIGUEIREDO, 2020). Outra nova possibilidade é a tentativa de incluir atividades secundárias durante a sessão, como cozinhar, dirigir, ir ao banheiro… (CARDOSO *et al.*, 2022). Goisis e Mercial (2022) relatam o consumo de álcool, drogas e alimentos durante a sessão. A experiência clínica da psicanálise à distância parece indicar que, de fato, os limites da situação analítica se tornam mais flexíveis nessa modalidade de trabalho.

É interessante observar que, em um sentido estritamente logístico, muitas dessas possibilidades já estavam presentes na análise presencial, como o consumo de comidas e bebidas durante a sessão. O fato de essas intercorrências ocorrerem mais (ou, ao menos, serem mais discutidas) nas análises à distância testemunha uma tendência probabilística que emerge neste dispositivo (DONNET, 2005). Considerando a especificidade do desenquadramento parcial do espaço, pode-se supor que a corresponsabilidade do analisando pelo espaço crie uma relação de maior autonomia e liberdade do analisando com o dispositivo analítico. A depender da dinâmica transferencial, isto aumenta a probabilidade de os limites do enquadre serem testados. Inversamente, poderíamos propor a hipótese de que a responsabilidade exclusiva do analista pela sala de análise presencial dá ao paciente a sensação de ocupar um espaço controlado pelo outro (GONDAR, 2022), o que diminuiria o impulso de testar os limites da situação analítica. De todo modo, o desenquadramento do espaço produz uma lógica de relação com o dispositivo clínico (DONNET, 2005) que tende à flexibilidade do enquadre.

A tendência a testar os limites do enquadre se articula com o segundo fator que promove a flexibilidade do enquadre remoto: a lógica da viabilidade, ou seja, a preocupação com a compatibilidade do tratamento com as outras demandas e tarefas do paciente, no registro da autoconservação. A tentativa de participar da sessão de ambientes públicos ou de trabalho, o *multi-tasking* da análise com atividades secundárias e outras transgressões do enquadre falam da dificuldade de manter um espaço e um tempo dedicados exclusivamente à sessão analítica, que leva à demanda por dispositivos mais flexíveis e convenientes.

A lógica da viabilidade

No tópico anterior, vimos como a corresponsabilização pelo dispositivo pode favorecer a tendência de o analisando testar os limites da situação analítica, variando o espaço de forma transgressiva, e não só de forma livre. Neste tópico, discutiremos como questões de ordem prática, na vida cotidiana, constituem um segundo fator que favorece a flexibilização do enquadre.

Frequentemente, a impossibilidade de estar presente de forma regular no consultório presencial é a motivação principal para a escolha de uma análise à distância. A popularização da psicanálise à distância se deve, em grande medida, à conveniência deste dispositivo: a eliminação do tempo e do custo de deslocamento, a flexibilidade do uso do espaço e a possibilidade de trabalhar com analistas que vivem em outras regiões são alguns dos argumentos mais utilizados pelos analisandos para justificar sua preferência por essa modalidade (CARDOSO *et al*., 2022; SANCHEZ, 2021).

Diante dessas demandas de origem cultural e econômica, a clínica psicanalítica se transforma, e surge uma nova modalidade de trabalho clínico. Nossa hipótese é que essa adaptação original cria uma tendência à flexibilidade do enquadre, com novas adaptações sendo continuamente pedidas e aceitas justamente porque esse dispositivo surge em função de necessidades de autoconservação. Em outras palavras, a lógica da viabilidade é inerente ao enquadre remoto pois, durante a primeira negociação do dispositivo, fica estabelecida a possibilidade de adaptar o dispositivo clínico para viabilizar o atendimento.

Diferentemente do desenquadramento do espaço, a lógica da viabilidade se aplica a todas as dimensões do enquadre (temporal, espacial e contratual): estamos diante de pedidos frequentes de remarcação, troca de horário ou falta; da mudança ocasional de sessões presenciais para sessões *online*, de inconstâncias no pagamento, e toda outra forma de adaptação do dispositivo clínico que pode ser requisitada ao longo do tratamento para compatibilizar a análise com outros projetos, demandas e necessidades do paciente.

O manejo das falhas técnicas que podem ocorrer durante um atendimento remoto também reforça essa tendência à flexibilidade diante de intercorrências externas. A psicanálise à distância está sujeita a dificuldades de conexão (FIGUEIREDO, 2020; LIMA; LEITE, 2021; LISONDO, 2015; SANCHEZ, 2021) que podem levar a remarcações, à passagem de uma sessão com câmera para uma sessão por telefone, e outros rearranjos do dispositivo (CARDOSO *et al*., 2022). Padfield (2021) propõe que a flexibilidade do dispositivo é necessária nos atendimentos remotos, especialmente quando o paciente não tem

um controle total sobre seu ambiente e pode sofrer imprevistos que impedem a realização da sessão.

É importante reforçar que nossa hipótese descreve uma *tendência* da psicanálise à distância, e que a intensidade e a forma como a flexibilidade do enquadre se instaura em cada análise depende da especificidade da dupla analítica (DONNET, 2005). Nem todo analisando demandará adaptações do dispositivo na análise remota, e nem todo analista permitirá que considerações de ordem prática resultem numa flexibilização do dispositivo. A hipótese que estamos propondo, contudo, é que a importância da conveniência prática na escolha do dispositivo, somada ao desenquadramento do espaço, produzem uma lógica de uso do enquadre na qual analista e analisando estão mais inclinados a flexibilizar o dispositivo em nome da viabilidade da sessão.

O desafio colocado por essa tendência é compatibilizar as necessidades de autoconservação do mundo moderno com as necessidades do método psicanalítico, que exigem a constância do enquadre. Se a invariabilidade é a característica que define o enquadre e garante suas funções estruturais, como a psicanálise pode ser praticada em um enquadre flexível?

Sustentando o processo analítico em um enquadre flexível: o enquadre interno do analista e o contrato

Dado que, tipicamente, a negociação do enquadre se conclui com a instalação de um dispositivo estável, mutuamente acordado e respeitado (CARDOSO *et al.*, 2022), pode-se dizer que o enquadre não se instala completamente nas análises à distância, mantendo-se em processo de construção. Pensar o enquadre flexível como um dispositivo em construção remete ao trabalho de autores franceses com pacientes-limite, com quem o estabelecimento do enquadre é um *resultado* do trabalho analítico, e não um ponto de partida (DONNET, 2002; ROUSSILLON, 2019). Esses autores descrevem análises em que a transferência sobre o enquadre produz atuações frequentes sobre o dispositivo que impedem a sua sustentação, e o processo analítico se dá em meio a – e através de – remanejamentos do dispositivo clínico.

No caso dos pacientes-limites, a centralidade do trabalho com o enquadre decorre da importância do ambiente e das condições de simbolização para seu funcionamento psíquico (ROUSSILLON, 2019). No caso da psicanálise remota, isso é um efeito do desenquadramento parcial do espaço e da lógica da viabilidade: a possibilidade de organizar o próprio dispositivo pode ser apro-

priada pelo analisando como um meio de atualização da transferência. O enquadre flexível aumenta a probabilidade de conflitos, fantasias e resistências serem elaboradas por meio do dispositivo clínico, pois este é disponibilizado para o analisando como um elemento parcialmente variável.

Em ambos os casos, o resultado é que um enquadre em construção pode não desempenhar suficientemente suas funções, e as condições de possibilidade do trabalho analítico precisam ser sustentadas pelo próprio analista. André Green (2006) propõe o conceito de *enquadre interno do analista* para nomear o modelo internalizado do enquadre na mente dos analistas. Apesar de ter origem na clínica dos sujeitos-limite, o enquadre interno do analista se mostra pertinente para pensar a psicanálise à distância, pois este é um recurso que possibilita o trabalho analítico quando um dispositivo clínico estável não pode (ou ainda não pôde) ser construído (CARDOSO *et al*., 2022; FIGUEIREDO, 2020).

O enquadre interno do analista é um modelo internalizado do enquadre analítico e de suas funções, construído pelo estudo da psicanálise e pela própria experiência do analista como analisando. Esse modelo funciona como referência de um processo analítico "suficientemente bom", que orienta o analista e permite que ele sustente sua postura ética e técnica, ou seja, sustente a neutralidade, o papel de guardião do enquadre e a disponibilidade para interpretar a transferência, mesmo em tratamentos no qual não é possível contar com o apoio no enquadre "externo" (FIGUEIREDO, 2022).

Ainda, o enquadre interno torna o analista capaz de identificar transgressões e falhas do enquadre, percebendo seus efeitos e intervindo sobre eles. Assim, um analista com um enquadre interno consistente irá perceber e refletir sobre a tentativa do analisando de introduzir variações no dispositivo clínico, investigando os sentidos libidinais dessa mudança, e não apenas sua importância prática. Trata-se do reconhecimento do enquadre em seu valor técnico, e não apenas do conhecimento das convenções do enquadre "clássico". O enquadre interno não previne que a flexibilização do enquadre dificulte a observação da transferência ou a manutenção de boas condições de análise, mas permite que o analista localize e responda a esses desafios.

Ao flexibilizar o dispositivo clínico, o analista amplia o escopo do processo analítico. Todavia, o risco de aceitar adaptações do enquadre por demandas de ordem prática está em negligenciar a dimensão libidinal do enquadre, comprometendo as condições de análise sustentadas pelo dispositivo clínico. O enquadre interno, ao funcionar como referência de um enquadre fixo e constante, possibilita que o analista note os rearranjos práticos como potencialmente significativos no registro libidinal.

A constância do enquadre como um limite que garante a interpretação da transferência não se perde na psicanálise à distância, mas é transformada: o contraste entre o enquadre invariável do contrato e o enquadre fantasiado do analisando (BLEGER, 1967) pode ser substituído pelo contraste entre o enquadre interno do analista e o enquadre flexível da dupla, cujas variações respondem simultaneamente às necessidades de autoconservação e à dinâmica transferencial da análise. A partir do enquadre interno do analista, as mudanças do dispositivo podem ser escutadas em seu sentido transferencial, quando o analista questiona ou interpreta o valor libidinal de um pedido prático.

Essa estratégia é o que viabiliza e sustenta o trabalho analítico à distância, mas é mais exigente para o analista. Segundo Roussillon (2019), o enquadre é um recurso econômico para os analistas, pois a sustentação do trabalho analítico a partir do enquadre interno é mais trabalhosa do que o apoio na organização concreta do enquadre externo. Quanto mais estável o enquadre, maior o controle de variáveis no campo analítico e maior a disponibilidade do analista para dedicar-se à escuta flutuante e à interpretação. Quanto maior a flexibilidade, maior a amplitude de elementos no processo analítico, e maior o trabalho do analista para sustentar as condições da interpretação. Segundo esta perspectiva, o contrato analítico pode novamente ser proposto como um recurso que busca reenquadrar a flexibilidade do dispositivo remoto, oferecendo um apoio econômico e tópico para o analista.

Estando ciente da tendência à flexibilidade na psicanálise à distância, o analista pode antecipar-se e buscar "enquadrar a flexibilidade" pela via do contrato. Segundo Souza, Silva e Monteiro (2020), a flexibilidade do ambiente digital exige uma maior intencionalidade e preparação do terapeuta, pois os limites do que é ou não permitido são menos óbvios nas relações à distância. O contrato de um enquadre flexível propõe protocolos para lidar com falhas técnicas e dificuldades de conexão (SOUZA; SILVA; MONTEIRO, 2020), para o pedido ocasional de sessões *online*, para as possibilidades de remarcação etc. Ao estabelecer limites para a flexibilidade do dispositivo, o contrato busca garantir que a situação analítica se manterá dentro dos parâmetros que o analista é capaz de sustentar.

Além de funcionar como apoio econômico para o analista, o contrato claro e consistente sustenta a função de guardião do enquadre. A existência de acordos que regulam a flexibilidade do dispositivo também facilita a recusa de algumas demandas de adaptação, quando estas entram em contradição com as condições de possibilidade do trabalho analítico, que estão explicitadas no contrato. Sustentada nos valores de flexibilidade e conveniência da sociedade

atual, a adaptação dos dispositivos pode tender a uma flexibilidade ilimitada, mas o contrato opera como um limite que sustenta o enquadramento.

Considerações finais

Diante de transformações sociais, econômicas e culturais das últimas décadas, a psicanálise à distância se consolidou como uma modalidade de tratamento adaptada às demandas do mundo atual. Neste trabalho, objetivou-se apresentar e discutir a tendência à flexibilidade do enquadre como uma especificidade do trabalho analítico à distância.

Neste percurso, a flexibilidade do dispositivo pôde ser compreendida como um resultado da própria montagem do dispositivo, na qual o limite entre elementos variáveis e elementos invariáveis da situação analítica é mais ambíguo, devido ao desenquadramento (parcial) do espaço e à lógica da viabilidade implícita neste dispositivo. Na psicanálise à distância, o limite que diferencia elementos livres e elementos enquadrados da situação analítica não opera como uma restrição rígida que impede a variação do enquadre, mas como uma referência que lhe possibilita a identificação desses movimentos flexíveis e a exploração de seus significados.

Diante de um enquadre que não se instala plenamente, a sustentação do processo analítico passa para o enquadre interno do analista, assim como ocorre no tratamento de pacientes-limite (GREEN, 2006; ROUSSILLON, 1995). O enquadre interno do analista sustenta uma referência que permite a interpretação do contraste entre o enquadre acordado e a prática real de adaptações ou transgressões do enquadre ao longo do tratamento. Já o contrato analítico é um recurso complementar ao enquadre interno do analista, pois ele permite reenquadrar a flexibilidade, buscando fortalecer a consistência do dispositivo, a referência à lei e a função de guardião do enquadre. Pela articulação do contrato e do enquadre interno do analista, a psicanálise à distância pode combinar flexibilidade e rigor técnico na prática psicanalítica contemporânea.

Referências

BARANGER, M.; BARANGER, W. (1961). A situação analítica como um campo dinâmico. *Livro Anual De Psicanálise*, XXIV, p. 187–214, 2010.

BLEGER, J. (1967). Psicanálise do enquadre psicanalítico. *Revista FEPAL*, p. 103-113, 2002.

CARDOSO, B. C. C. *et al*. O enquadre virtual como um dispositivo psicanalítico de atendimento online. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 195-208, 2022. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2022000100195&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DONNET, J-L. *Le divan bien tempéré*. Paris: PUB, 2002.

_____. *La situation analysante*. Paris: PUB, 2005.

FIGUEIREDO, L. C. A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto: uma reflexão em três partes. *Cadernos de psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000100005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 23 mar. 2025.

GOISIS, P. R.; MERCIAI, S. A. Le sfide della terapia online. La psicoanalisi di fronte al cambiamento [The challenges of online sessions. Psychoanalysis in the face of change]. *Rivista di Psicoanalisi*, 68(3), p. 897–914, 2020.

GREEN, A. (2002). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

_____. Le tournant des années 2000. In: GREEN, A. (dir.); CHEVRET, B. (éd). *Únite et diversité des pratiques du psychanalyste*: colloque de la SPP. Paris, PUF, p. 229-247, 2006.

GONDAR, J. Psicanálise on line e elasticidade da técnica. *Cadernos de psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, 42(42), p. 37-45, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000100003&lng=pt&tlng=pt.>. Acesso em: 23 mar. 2025.

LAPLANCHE, J. (1987). *A tina:* a transcendência da transferência. São Paulo: Martins Fontes,1993.

LIRA, L. C. de O. L.; LEITE, V. K. A. *Clínica psicanalítica online - reflexões sobre as expectativas e a prática*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. UFAL, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/10843>. Acesso em: 23 mar. 2025.

LISONDO, A. B. D. de. Psicanálise a distância. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), p. 136-150, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2015000100009&lng=pt&tlng=pt.>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MARTINS, A. W.; COELHO JUNIOR, N. E. *Investigação histórico-conceitual sobre o enquadre e seu papel na situação analítica*. [Dissertação de Mestrado]. USP, 2025.

ROUSSILLON, R. *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique*. Paris: PUF, 1995.

_____. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2019.

SANCHEZ, L. F. Experiências de analistas didatas com o atendimento psicanalítico on-line em tempos de pandemia. *Revista de Psicanálise da SPPA*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 449-471, 2021. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/sanchez.>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SCHARFF, J. Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. *Int J Psychoanal*. Feb; 93(1): 81-95. 2012. doi: 10.1111/j.1745-8315.2011.00548.x. PMID: 22320136.

SOUZA, V. B de.; SILVA, N. H. L. P. da.; MONTEIRO, M. F. *Psicoterapia On-Line - Manual para a Prática Clínica*. Juruá Editora, 2020.

Tramitação

Recebido 23/03/2025

Aprovado 16/05/2026